A PRESENÇA DA AUSÊNCIA: ANGÚSTIA, FALTA E CONSTRUÇÃO PSÍQUICA

Francisco Lucas de Souza Santos
Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UniCatólica).
E-mail: luscapsi7@gmail.com

Marcella Erica Belchior de Oliveira
Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UniCatólica).
E-mail: marcellaoliveira@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

O vínculo mãe-bebê é uma das relações mais fundamentais e complexas. Este laço, que começa a se formar desde o período gestacional, desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico do sujeito. Assim, o objetivo deste estudo visa tentar compreender como a ausência materna — quando marcada por falhas nos cuidados emocionais e físicos — impacta a organização interna do sujeito. Trata-se de um relato de experiência do estágio profissionalizante II do curso de Psicologia da UniCatólica, realizado no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). De acordo com Donald Winnicott, a "Mãe Suficientemente Boa" não é perfeita, como muitas vezes se espera. É aquela que, além de prover as necessidades do bebê para que este se constitua como sujeito, também falha. Nesse sentido, ao apresentar esse conceito, o autor destaca a importância de um ambiente que, embora falho, seja responsivo e constante. A mãe - ou quem exerça essa função - não oferece ao bebê uma presença perfeita e ininterrupta, mas sim uma presença suficientemente estável, que acolhe, sustenta e, aos poucos, permite a frustração, pois a ausência também é parte do cuidado. Essa conexão, embora essencial, é também marcada por um dilema intrínseco entre angústia e prazer, que pode influenciar profundamente a experiência materna e a evolução psíquica do bebê. Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud afirma que a dor é reação propriamente dita à perda do objeto, e a angústia, ao perigo que essa perda traz consigo e, em deslocamento posterior, ao perigo da perda do próprio objeto.

Ou seja, a angústia não surge apenas quando o vínculo é rompido, mas já no momento em que a sua perda - ou separação - se torna uma possibilidade sentida, como aponta Lacan, ao dizer que a angústia não é desprovida de um objeto. A elaboração dessas experiências — assim como no trabalho analítico — exige tempo, escuta e uma presença que acolha o sujeito em sua singularidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Angústia. Vínculo. Desamparo.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia (1926)**. Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10**: A angústia. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MÃE suficientemente boa. **Psicanálise Clínica**, 2025. Disponível em: https://www.psicanaliseclinica.com/mae-suficientemente-boa/. Acesso em: 5 maio 2025.
SOUSA, S. C. de. O vínculo mãe-bebê e o dilema entre angústia e prazer: uma visão psicanalítica. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 13, n. 12, p. e94131247708, 2024. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/47708. Acesso em: 7 maio 2025.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2006.